

REPRESENTATIVIDADE NEGRA NO CINEMA
NORTE-AMERICANO: UMA ANÁLISE DO FILME *MOONLIGHT*¹
BLACK REPRESENTATIVENESS IN THE NORTH AMERICAN CINEMA:
AN ANALYSIS OF THE MOVIE *MOONLIGHT*

Érica Baggio de Oliveira²
Isadora Ferrão Sant'Anna³

RESUMO: Em nosso estudo, analisamos a falta de personagens negros na indústria cinematográfica norte-americana nos filmes produzidos entre 2012 e 2016 e, quando existente, como ocorre esta representação. Nosso objetivo é expor a discriminação impregnada nas produções fílmicas atuais e também entender a forma como é criada a identidade negra nas telas. Por meio de uma abordagem quali-quantitativa, primeiramente buscamos o número de atores negros contratados para papéis principais e secundários e, em um segundo momento, fizemos uma análise acerca do filme *Moonlight*. Como resultados da coleta de dados, percebemos que apenas 30% dos filmes produzidos nos últimos cinco anos possuem protagonistas ou coprotagonistas negros.

Palavras-chave: Representatividade negra. Cinema. *Moonlight*. Estados Unidos.

ABSTRACT: In our study, we analyzed the lack of black characters in the North American film industry in films produced between 2012 and 2016 and, when present, how this representation occurs. Our objective is to expose the discrimination impregnated in current film productions and also to understand how the black identity is created in the screens. Through a qualitative-quantitative approach, we first sought the number of black actors hired for major and minor roles, and in a second we did an in-depth analysis of the movie *Moonlight*. As results of the data collection, we noticed that only 30% of the films produced in the last five years have black protagonists or co-protagonists.

Keywords: Black representativeness. Cinema. *Moonlight*. United States.

¹ Artigo recebido em 20 de setembro de 2018 e aceito em 21 de novembro de 2018. Texto orientado pela Profa. Ma. Laísa Veroneze Bisol (UFSM).

² Graduada do Curso de Jornalismo da UFSM.
E-mail: erica.baggio@hotmail.com

³ Graduada do Curso de Jornalismo da UFSM.
E-mail: isadoraferrao0@gmail.com



INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa se orienta pela problemática acerca da discriminação racial, uma marca encontrada no cinema norte-americano da atualidade, que, em sua maioria, apresenta protagonistas formados apenas por indivíduos brancos, deixando papéis como os de coadjuvante para sujeitos negros. Além da falta de representação negra no cinema os papéis, quando existentes, geralmente estão relacionados com escravidão, marginalidade e pobreza. Segundo Fernandes, “a categorização do negro é uma tentativa de aprisioná-lo a uma alteridade forjada, a um lugar social que lhe impõe características de desacreditado” (FERNANDES, 2016, p.108).

Partindo dessa ideia, neste artigo, elaboramos um panorama da representação negra nas produções audiovisuais norte-americanas do ano de 2012 até o ano de 2016, a partir de alguns dos maiores estúdios cinematográficos. Em um segundo momento, analisamos o modo como a representatividade acontece através do longa-metragem de produção independente, *Moonlight*, lançado nos EUA, em 2016, com direção de Barry Jenkins.

Compreenderas características dos personagens é importante para entendermos o conceito de identidade. O dicionário *Aurélio* conceitua identidade como sendo uma “circunstância de um indivíduo ser aquele que diz ser ou aquele que outrem presume que ele seja” (IDENTIDADE, 2018). Esse conceito, a partir do ponto de vista antropológico, significa um aglomerado de signos que nos permitem diferenciar um ser do outro, ou seja, precisamos que características diferentes das nossas existam para sermos exatamente o que somos. Podemos e conseguimos entender identidade como a união do que escutamos, falamos, comemos, presenciamos, lemos e adquirimos de cultura local onde escolhemos viver.

A questão identitária é discutida em muitos campos de estudo, mas, está em destaque principalmente nas análises sociais da modernidade em pautas sobre o porquê o indivíduo está saindo dos padrões patriarcais e como é possível reconhecer a diferença através dos padrões midiáticos. Seguindo os pressupostos de Stuart Hall (1997), compreendemos que as diferenças se formam pela exclusão, ou seja, uma identidade se faz por aquilo que a outra não é. A problemática consiste em, quando ao representar um grupo, por seu território, cor, classe social, gênero, sexualidade, profissão ou outro, as produções se valem da diferença para vangloriar ou diminuir algumas das identidades.

Ainda partindo dessa ideia, temos que todas as práticas de significação envolvem relações de poder, incluindo o poder de definir quem é incluído e quem é excluído. Sendo assim, a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao viabilizar a opção entre as várias identidades possíveis. Ao proceder às escolhas de variados elementos, os produtores, roteiristas e afins,



corroboram para as construções. Para Jonathan Rutherford, “a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora” (RUTHERFORD, citado em WOODWARD, 2017). Isso quer dizer; aquilo que constantemente é representado é também reforçado no imaginário social e, portanto, repete estereótipos.

A fim de compreender como isso se estabelece por meio da narrativa cinematográfica, observamos as produções norte-americanas de grandes e conhecidos estúdios, que são histórica e tradicionalmente muito difundidas e assistidas em todo o mundo. O cinema narrativo começou a se estabelecer em Hollywood, nos Estados Unidos da América, no início da década de 1910, com o filme *O nascimento de uma nação* (*The birth of a nation*, 1915) dirigido por D. W. Griffith. O longa-metragem narra a história de duas famílias brancas durante e depois da guerra da sucessão que de acordo com Silva, traz uma propaganda racista, tendo os negros representados por brancos usando da chamada *Blackface*. Essa expressão, traduzida para face negra, refere-se a uma técnica em que os brancos pintavam seus rostos de preto, com o intuito de ridicularizar os negros e marginalizá-los (SILVA, 2017a).

A inserção de uma ideologia racista desde os primórdios do cinema norte-americano interfere na representação negra nas telas atualmente. Conforme Santos e Carvalho (2018), a falta de contratação de atores, atrizes, diretores e diretoras negras para grandes produções de Hollywood causa uma grande pressão na indústria cinematográfica e, eventualmente, vêm ocorrendo atos de manifestação, como é o caso do boicote proposto à premiação do *Oscar*, em 2016, após o anúncio dos concorrentes que não figurava nenhum artista negro nas categorias principais.

O fato de não ter ocorrido nenhuma indicação de artista negro reacendeu o debate sobre a falta de diversidade racial no cinema americano. A primeira negra a levar uma estatueta para casa foi Hattie McDaniel, em 1940, por seu papel de atriz coadjuvante no sucesso *E o vento levou* (1939), que ganhou não só o reconhecimento da crítica, mas também o do público (SILVA, 2017b). Depois desse acontecimento, demorou mais de 20 anos para que outro negro ganhasse o *Oscar* novamente. Em 1964, Sidney Poitier, aos 37 anos, tornou-se o primeiro negro a ganhar um *Oscar* de melhor ator, pelo filme *Uma voz nas sombras*, dirigido por Ralph Nelson (SILVA, 2017a). Em 2002, tornou-se o primeiro artista negro a receber um *Oscar* honorário. Uma mudança mais efetiva veio apenas na década de 1970, período que, segundo Silva, foi marcado pelo movimento pelas liberdades civis e contra a segregação racial favoreceu o surgimento de um cinema negro mais expressivo, conhecido posteriormente como *Blaxploitation*.



PERCURSOS METODOLÓGICOS

Para desenvolvermos este estudo, além de utilizarmos a análise fílmica, empregamos a metodologia quali-quantitativa, a qual é explicada por Souza e Kerbauy (2017) como sendo uma abordagem em que primeiramente são analisados dados e estatísticas para explicar os fatos e, em um segundo momento, lida com interpretações das realidades sociais. A parte quantitativa de nossa pesquisa se dá no momento em que realizamos a coleta de dados e elaboramos estatísticas a partir da análise de elenco dos longa-metragens produzidos por grandes estúdios norte-americanos. Já a parte qualitativa ocorre em consonância com a análise fílmica, quando desmembramos o filme independente *Moonlight* e estudamos seus elementos para compreender o modo como ocorre a representação negra a partir das identidades abordadas.

A análise do filme foi realizada de modo interpretativo, tendo como base aporte bibliográfico unido ao resultado dos estudos quantitativos, tendo como intuito entender as fases do personagem central e suas identidades. Penafria (2009) argumenta que o objetivo da análise é explicar o funcionamento de um determinado filme e propor uma interpretação, tratando-se de uma atividade que separa, que desune elementos do longa ou curta-metragem.

PANORAMA DA REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO CINEMA

Para esta primeira parte da pesquisa, realizamos um levantamento no elenco de 255 filmes que obtiveram maior repercussão, de gêneros variados, lançados entre 2012 e 2016 nos Estados Unidos. Como resultado desta pesquisa, chegamos à conclusão que apenas 1% das produções continha elenco constituído em sua maioria de atores e atrizes negros, contra 28% de filmes onde só pessoas brancas interpretavam os personagens. No entanto, nos filmes onde participam apenas atores negros, geralmente apresentam temas relacionados à própria questão étnica. Silva afirma que, em sua maioria, atores e atrizes negros assumem posição de destaque em produções cujo tema é relacionado a negros, como em longas que relatam a escravidão, períodos em que a segregação racial perdurava, ou sobre bairros marginalizados onde mostram a difícil realidade da população negra habitante desses locais.

A fim de possibilitar uma melhor visualização das questões expostas, apresentamos, na sequência, alguns gráficos que compilam os resultados da pesquisa realizada nos elencos dos longas-metragens.



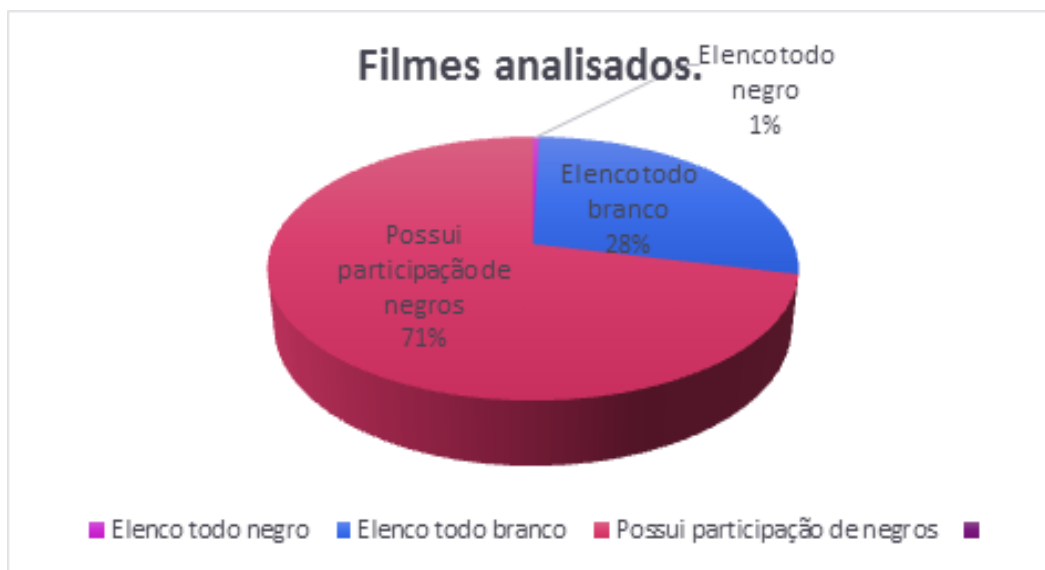


Figura 1: Filmes analisados separados pela participação ou não de negros.
 Fonte: Gráfico elaborado pelas autoras deste artigo.

No gráfico acima classificamos as produções analisadas em três categorias: as que possuem elenco todo constituído de pessoas negras, as que possuem todo elenco constituído de pessoas brancas e as produções que possuem participação de negros. Como resultado, percebemos que 71% dos filmes possuem participação de personagens negros em algum momento da produção, entretanto, apenas 1% dos filmes, o que corresponde a apenas um longa-metragem, possui intérpretes exclusivamente negros. Ao verificarmos que, em sua maioria, os filmes contam com a presença de pessoas negras, buscamos identificar de que modo essa participação ocorre, assim, chegamos aos dados expostos a seguir:



Figura 2: Classificação da participação nos filmes por categoria.
 Fonte: Gráfico elaborado pelas autoras deste artigo.



Dos 71% de produções nas quais existem personagens negros, ou seja, cerca de 180 filmes, apenas 15% possuem pessoas negras representando personagens principais. 51% é a porcentagem que representa o número de vezes em que negros aparecem como coadjuvantes, ou seja, possuem poucas falas e estão em poucas cenas. Assim, embora as pessoas negras façam parte da maior parte das produções desenvolvidas no cinema norte-americano, são minoria aquelas que assumem o papel protagonista. Esses dados nos permitem inferir que a representatividade acontece apenas quantitativamente, já que os brancos ainda são majoritariamente postos como centrais nas narrativas cinematográficas norte-americanas. Ao atribuir papel secundário às pessoas negras, podemos questionar se esse fato pode ser conferido à casualidade ou se há intencionalidade nas escolhas, sejam elas conscientes ou não. Conforme Abreu e Silva, o negro está ganhando mais espaço na mídia nos últimos tempos, entretanto:

Só está ocupando os papéis que têm uma relação com a imagem que a sociedade ainda tem deles: na maioria das vezes, não ocupam papéis importantes somente secundários; quando ocupam, ainda levam consigo a imagem inferiorizada da “raça”, do mau caráter, daqueles que só conseguem ascender através de atos desonestos, ou como a tentação, o pecado ao qual não se pode resistir de maneira alguma. Resumindo, os pobres, nordestinos e negros terão, sempre, um “espaçinho” na mídia, mas só se esse espaço puder enfatizar, ainda mais, a ideia que deles subjaz na sociedade. (ABREU; SILVA, 2012, p. 13, ênfase no original)

Na sequência, classificamos essa representação separando por ano de produção.

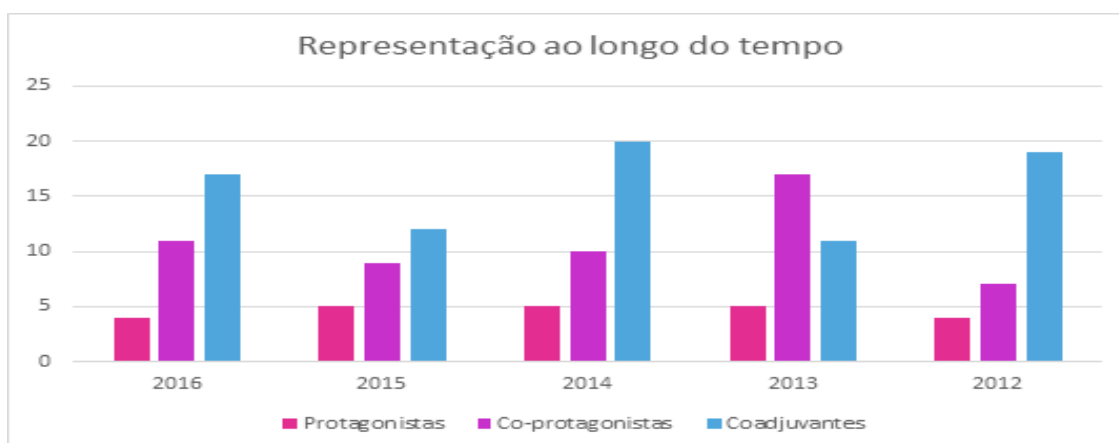


Figura 3: Demonstração da representação negra nos cinco anos estudados.
Fonte: Gráfico elaborado pelas autoras deste artigo.



Nesse último gráfico, elaboramos um panorama geral da existência de representação negra nos filmes produzidos ao longo dos cinco anos analisados. Percebemos, então, que o número de protagonistas negros se manteve baixo, ao contrário do número de coadjuvantes interpretados por negros, que se conservou elevado, o que consideramos algo muito negativo ao que diz respeito à representação do indivíduo negro, uma vez que a imagem transmitida, em geral, segue propagando estereótipos.

Segundo Adesky (1997), a imagem criada de um grupo interfere na identidade pessoal de seus membros. A ligação de aspectos negativos a um grupo (mesmo que fictícia) pode ocasionar um complexo de inferioridade aos seus membros, além de disseminar essa imagem ao imaginário social, uma vez que os longas chegam a milhares de pessoas. Reverter essa imagem negativa demanda medidas que atingem diferentes áreas, como educação, cultura, meios de comunicação de massa, política e economia. Ademais, especialmente no que concerne às narrativas ficcionais de grande abrangência, elas poderiam engajar-se na busca por construir um discurso mais reflexivo.

CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE EM *MOONLIGHT*

Uma vez que observamos quantitativamente a representação negra a partir de grandes estúdios de cinema norte-americanos, e, a partir disso, percebemos que por serem abordadas de um modo secundário, as pessoas negras ainda não assumem um papel de protagonismo com relação aos personagens de cor branca, consideramos pertinente analisar um longa-metragem que aparece na contramão desses dados, ou seja, uma produção que pretende pôr em evidência a identidade muitas vezes silenciada nessas produções.

O filme *Moonlight* foi lançado em setembro de 2016, nos Estados Unidos, pela produtora *Plan B Entertainment*, com direção de Barry Jenkins. Não se trata, portanto, de um filme produzido por um dos grandes estúdios, como os pesquisados em nosso mapeamento. Trata-se de um filme independente, que em 2017 foi condecorado como vencedor do prêmio *Independent Spirit Awards*, uma premiação conhecida como o *Oscar* dos filmes independentes. O longa-metragem em questão foi vencedor em todas as categorias que disputou: produção, direção, roteiro, montagem e fotografia.

Moonlight apresenta a história de Chiron, um homem negro, homossexual, com grandes problemas na família e que se torna traficante. Desde o começo do longa, Chiron é representado a partir de uma crise de identidade, por ainda ser criança e não entender muito bem o que está acontecendo consigo mesmo e em seu ambiente familiar. Quando se torna adolescente essa crise



umenta significativamente, o deixando incomodado. Para conseguirmos entender um pouco da identidade desse personagem, nos embasamos nos estudos de Stuart Hall que, apoiado no teórico Kobena Mercer que, afirma que “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (MERCER, citado em HALL, 2006, p.9). Dessa maneira, compreendemos que o personagem em questão, por vivenciar momentos de crise identitária, transforma-se em uma representação da realidade vivida por diversos indivíduos, promovendo assim uma reflexão sobre sua identidade homossexual e negra.

A produção cinematográfica nos conduziu a discutir como o contexto social e familiar do personagem consegue interferir na construção do seu próprio **eu** e o que atribui características para ser uma criança, um jovem e um adulto excluído, bastante confuso. O fato de a personagem da mãe ser alguém descontrolada, abastecida por narcóticos e nada afetiva, somado à rejeição dos colegas de colégio, contribuiu em boa parte para Chiron se tornar tímido e traumatizado, tentando fugir da sua realidade dia após dia. O filme não aborda nenhum segredo a ser desvendado, ou nenhum assassinato de morte misteriosa. Por outro lado, trata de pessoas, humanos. Isso quer dizer, representa sujeitos que passaram dia após dia tentando entender seus conflitos internos e externos.

Moonlight é um longa-metragem que ilustra a realidade de milhões de crianças, adolescentes e adultos. A cena enunciativa demonstra um ciclo vicioso que pode vir a acontecer em diversas situações, o agredido se torna agressor, a vítima transforma-se em ladrão e, na história exibida, o menino que sofreu com a dependência química de sua mãe, ao crescer, também entra para o mundo do tráfico. A falta de perspectiva de vida de Chiron é bastante evidente. Ao crescer em um ambiente violento e degradante o jovem não foi incitado a melhorar suas condições ou então continuar seus estudos após ser liberto da prisão. As experiências da infância, os traumas, as manias, o acesso à educação, a falta ou excesso de proteção fraterna são fatores que influenciam na composição das nossas características. A forma como somos introduzidos ou não no nosso círculo de convívio, na sociedade e em grupos sociais direcionam nossas condutas.

O autor Hall vai ao encontro dessa ideia e comenta que “a ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado” (HALL, 1997, p. 16). A partir disso, entendemos que é a partir do acesso, uso e apropriação das noções de cultura em sociedade que passamos a fazer parte de um conjunto, ou somos excluídos de grupos sociais, o que se pode perceber na trajetória do filme que constitui o corpus deste estudo.

É dessa forma que nos propomos a problematizar as representações de identidades por meio da cultura e não fora ou longe dela, pois “elas são o resultado de um processo de identificação que permite que nos



posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles)” (HALL, 1997, p. 26).

Ao observamos o elenco do filme, verificamos que é constituído somente por atores negros, todos os personagens fazem parte da classe baixa e de alguma forma acabam entrando para o mundo do crime, inclusive Chiron o personagem principal. Pelo fato de serem retratados em comunidades pobres, não brancas dos Estados Unidos, os crimes, principalmente o tráfico de drogas é um dos temas apresentados ao longo do filme. Pensando na identidade homoafetiva, refletimos também sobre como a identidade heteronormativa consegue interferir na primeira, como é o caso do personagem principal do filme. Por meio da análise refletimos como a sociedade, bastante tradicional e patriarcal, consegue prejudicar as identidades diversas, pelo preconceito e pela estereopatiação do que é ou não um padrão que deva ser seguido.

De forma bastante prática, podemos definir preconceito como atitudes hostis, agressivas e de não aceitação ao seu semelhante. Características negativas de uma pessoa em relação ao comportamento, orientação sexual, país de origem, cor da pele entre outros inúmeros fatores. Entendemos também que a rejeição a alguma característica está relacionada à consciência histórica e as crenças que se perduram durante os anos. Já o estereótipo diz respeito às generalizações que as pessoas fazem sobre o comportamento e as características do outro. Esse tópico consegue ser a causa e também a consequência do preconceito que leva a sociedade a excluir o diferente, o não convencional aos padrões impostos pela massa que ainda discrimina tudo que consegue chocar o outro, como em nosso caso, os homossexuais.

Quando nos referimos a discriminação, é importante falar das variações possíveis que se pode ter: o tratamento diferente de indivíduo para indivíduo, a tentativa de isolar o ser humano, as humilhações verbais e até agressões físicas. No caso do personagem, Chiron sofria agressões verbais e físicas durante toda infância o que afetava não só sua integridade física, mas principalmente seu psicológico.

O filme trata de assuntos como *bullying*, preconceito, racismo e abuso de drogas, buscando a todo momento retratar essa possível realidade com o devido cuidado. No entanto, ao mesmo tempo em que se sabe que existem indivíduos nessas situações, utilizar um personagem negro como elemento central desta narrativa acaba por reforçar o estereótipo de que a negritude está relacionada à pobreza, marginalidade e criminalidade. Ao argumentar sobre a reação de telespectadores ao presenciarem cenas audiovisuais como as retratadas em *Moonlight*, Abreu e Silva afirmam ser justamente no momento da recepção do telespectador que o estereótipo de superioridade do branco em relação ao negro é reforçado. O telespectador recebe uma imagem de que, à primeira vista, deve-se



sempre desconfiar de um negro, e que apenas após ele dar uma prova de seu bom caráter, pode-se aceitá-lo como membro da sociedade.

Moonlight é definitivamente um marco de representação, não apenas por contar com um elenco majoritariamente constituído por negros, mas também por abordar de forma delicada a identidade homossexual do personagem. A questão, no entanto, é o reforço de um estereótipo pré-concebido desde o início da retratação do negro no cinema, o que de fato é algo a se refletir em torno desta produção cinematográfica.

CONCLUSÃO

Por meio deste estudo, percebemos que infelizmente a discriminação racial está enraizada em nossa sociedade e cultura, e isso fica evidente a partir do cinema norte-americano atual, sendo ele um dos maiores produtores cinematográficos do mundo. As produções analisadas, que englobam alguns dos maiores estúdios cinematográficos, não representam o negro da mesma forma que representam o branco, colocando assim atores e atrizes negros competentes em esquecimento para que atores e atrizes brancos continuem a se sobrepor.

Além deste descaso com profissionais afrodescendentes pela falta de personagens negros, percebemos que quando existe uma pequena parcela de representação, ela se dá identificando o negro como violento, marginal, pobre e participante das classes baixas da sociedade, reforçando assim um estereótipo que deveria ser desconstruído. O próprio longa *Moonlight*, apesar de ser independente – isto é, com uma proposta diferenciada do que comumente se estabelece a partir de grandes produtoras – e apresentar um elenco predominantemente negro, além de tratar temas como infância, drogas e homossexualidade com delicadeza, ainda traz o negro como morador da periferia, drogado, traficante, entre outras características atribuídas ao sujeito negro.

Esses resultados nos instigam a refletir se mesmo a vertente independente da produção cinematográfica norte-americana, ao lançar *Moonlight*, está tentando mudar este cenário discriminatório mostrando uma realidade, ou se este é apenas um caso isolado sobre a história de um menino, onde não houve uma preocupação em relação à representação e a manutenção de estereótipos.

Acreditamos que não existe diferença entre negros e brancos, pois todos vivemos em sociedade, com múltiplas culturas ativas. É assim que também deveria ser visto pela indústria cinematográfica norte-americana, a qual só



tem a perder ao manter uma postura racista e preconceituosa, sendo vista com maus olhos pelos defensores da igualdade racial e dos direitos humanos.

REFERÊNCIAS

ABREU, B. F.; SILVA, S. G. de A. da. A representação do negro no cinema e na TV. *Língua, literatura e ensino*, v. 7, São Paulo, out. 2012, p. 5-16.

ADOROCINEMA. *Moonlight*. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-242054/criticas-adorocinema>. Acesso em: 2. jul. 2017.

BERNARDY, C. C. F.; OLÍVEIRA, M. L. F.; HELLÍF, L. M. Jovens infratores e a convivência com drogas no ambiente familiar. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, v. 12, n. 3, Fortaleza, jul./set. 2011, p. 589-596.

FERNANDES, V. B.; SOUZA, M. C. C. C. Identidade negra entre exclusão e liberdade. *Revista Ieb*, n. 63, São Paulo, abr. 2016, p.104-120.

GELEDES.ORG. *Nega maluca, black face e racismo*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/nega-maluca-black-face-e-racismo/#gs.BgJrwBk>. Acesso em: 4 jul. 2017.

HALL, S. A centralidade da cultura: Notas sobre as revoluções culturais no nosso tempo. *Educação & realidade*, v. 22, n. 2, jul./dez. 1997, p. 15-46.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

IDENTIDADE. In: PRIBERAM.ORG. *Dicionário da língua portuguesa*. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/identidade>. Acesso em: 7 set. 2018.

INSTITUTO PHD. *Pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa entenda a diferença*. Disponível em: <http://www.institutophd.com.br/blog/pesquisa-quantitativa-e-pesquisa-qualitativa-entenda-a-diferenca>. Acesso em: 4 jul. 2017.

RODRIGUES, J. C. *O negro brasileiro e o cinema*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

SANTOS, L. S.; CARVALHO, N. dos S. *O negro no cinema brasileiro em 2015*. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-0163-1.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2018.

SESC SP. *A não representação negra no cinema*. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/10435_A+NAO+REPRESENTACAO+NEGRA+NO+CINEMA. Acesso em: 6 jul. 2017.

SILVA, A. A. C. *O sensível (não) partilhado: A violência poética e política da (ir) representação do negro em Hollywood*. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-10042018-122248/.php>. Acesso em: 2 jul. 2017a.



SILVA, B. C. B. da. *A representatividade da mulher negra no cinema hollywoodiano*. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/handle/235/11474>. Acesso em: 5 jul. 2017b.

SOUZA, K. R.; KERBAUY, M. T. M. Abordagem quanti-qualitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação. *Educação e Filosofia*, v. 31, n. 61, Uberlândia, abr. 2017, p. 21-44.

WOODWARD, K. *Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual*. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4284077/mod_resource/content/1/cap%C3%ADtulo%20I%20-%20Woodward%20-%20IDENTIDADE-E-DIFERENCA-UMA-INTRODUCAO-TEORICA-E-CONCEITUAL.pdf. Acesso em: 2 jul. 2017.

